MANUEL ANSELMO

PORTUGAL
ESTÁ COM SALAZAR

Edição de
«OS CADERNOS DE MANUEL ANSELMO»

Depositários exclusivos:
EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LDA.
Largo Trindade Coelho, 9-2.º
Tel. 27507 — LISBOA-2
1961

PORTUGAL
ESTÁ COM SALAZAR

Obras do Autor:

a) ROMANCE, NOVELA E CONTO:

Tragédia do querer viver (novela, esgotada). Ed. da «Casa Minerva», Coimbra — 1929.
O pecado original (romance), Ed. da «Livraria Bertrand», Lisboa — 1940.
Os caminhos da noite (trilogia de romances). *I — A estrela lírica* (em preparação).
Contos impuros (contos, em preparação).
Contos puros (em preparação).

b) CRÍTICA LITERÁRIA:

A paisagem e a melancolia no drama lírico de Feijó (1.ª edição, Viana do Castelo, 1933, esgotada; 2.ª edição, «Livraria Civilização», Porto, 1937, também esgotada) — 1933 e 1937.
Soluções críticas (ed. da «Imprensa da Universidade de Coimbra») — 1934.
Antologia moderna (ed. da «Livraria Sá da Costa», Lisboa)—1937.
A poesia de Jorge de Lima (ed. brasileira, de S. Paulo, esgotada) — 1939.
Caminhos e ansiedades da poesia portuguesa contemporânea (ed. «Cosmopólia», Lisboa) — 1941, esgotado.
Família literária luso-brasileira (ensaios de literatura e estética, ed. da «Livraria José Olympio», Rio de Janeiro, esgotado). — 1943.

c) ENSAIOS FILOSÓFICOS E DOUTRINÁRIOS:

O Mutualismo como doutrina social (1.ª edição, esgotada, Viana do Castelo, 1933; 2.ª edição, da «Livraria Civilização», Porto, 1938, também esgotada) — 1933 e 1938.
As ideias sociais e filosóficas do Estado Novo (ed. da «Livraria Tavares Martins», Porto, esgotada) — 1934.
Gramática política (ensaios doutrinários, ed. da «Coimbra Editora») — 1935.
Manoel Lubambo, a amizade luso-brasileira e a latinidade (ed. do «Ciclo Cultural Luso-Brasileiro», Recife, Pernambuco — Brasil, esgotada) — 1943.
Para uma nova ressurreição de Cristo (apreendido pela P. I. D. E.) — 1954.
Sobre a declaração de voto de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo do Porto — (6.ª edição, 22.º milhar) — 1958.

d) CRÓNICA LITERÁRIA:

Panorama (crónicas e impressões, ed. da «Livraria Civilização», Porto, esgotada) — 1938.
Sensibilidade (jornal de um emotivo, em preparação).

e) POESIA:

Viagem à Lua (poemas, em preparação).

f) VÁRIA:

Os cadernos de Manuel Anselmo (6 tomos) — 1951, 1960 e 1961.
Meridianos críticos (1.ª série) — 1945.
Meridianos críticos (2.ª série) — 1950.
Meridianos críticos (3.ª série) — 1960.
Meridianos críticos (4.ª série) em preparação.

g) LITERATURA E MEMÓRIAS:

Diário íntimo (1.º volume) em preparação.

h) ELOQUÊNCIA:

Discurso a Portugal — 1961.
Portugal está com Salazar — 1961.

MANUEL ANSELMO

PORTUGAL
ESTÁ COM SALAZAR

Discurso pronunciado em 9 de Novembro de 1961, no Teatro da Trindade, em Lisboa, na sessão de encerramento da campanha eleitoral organizada pela União Nacional.

WALDEMAR BISPO DUARTE

Edição de
«OS CADERNOS DE MANUEL ANSELMO»

Depositários exclusivos:
EDITORIAL, ORGANIZAÇÕES, LDA.
Largo Trindade Coelho, 9-2.º
Tel. 27507 — LISBOA-2
1961

Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
http://www.integralismo.org.br/
Deus - Pátria - Família

Ao

ilustre Ministro do Interior
e meu querido Amigo

DR. ALFREDO RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR

felicitando-o pela coragem, pelo senso, pela inteligência, pela lealdade, pelo brilho e pela fé com que está a servir os ideais da Pátria que desde a sua juventude o vêm enriquecendo das mais fecundas seivas espirituais e morais; e agradecendo-lhe, enternecidamente, a fidalga estima que sempre lhe mereci, seja nas boas seja nas más horas.

Senhor Presidente da Mesa:
Senhor Presidente da Comissão Executiva da União Nacional:
Minhas Senhoras:
Meus Senhores:
Camaradas e Amigos:

I

Venho trazer-vos palavras de combate e intransigência. Não desejo pregar a paz — a paz dos cobardes e dos trânsfugas! — nem as conciliações suaves e blandiciosas. Estou aqui para exortar-vos à guerra pela Pátria e sua íntegra, una sobrevivência territorial em todos os ventos do mundo. O meu objectivo é lutar e predispor-vos à luta, ó gentes portuguesas dos campos, das cidades, das planícies, dos montes e dos mares!

Pela primeira vez na história nacional, temos uma Oposição Republicana que, sem ao menos se justificar em qualquer pretexto, incarna o Partido do Estrangeiro. Aquela que, a seguir a 1383, se disse entre nós partidária do Rei de Castela, fê-lo em nome da legitimidade da Princesa D. Beatriz. Aquela que, em 1580, acabou por conduzir-nos *à união pessoal* com a Espanha, procurou explicar a sua traição com os duvidosos direitos de Filipe II à herança de Portugal. Esta, a Oposição que por aí vemos a exibir, como seu, um Programa que é um plágio descarado das ideias e da acção de Fidel de Castro, não dá de si qualquer razão plausível: fala de Democracia mas exibe, bem fora das suas jaquetas de candidatos a convencionais, o rabo do marxismo; invoca um patriotismo afinal negado pela veemente defesa que faz da auto-determinação ultramarina que os próprios russos, mais nacionalistas, não consentem aos húngaros, aos polacos, aos romenos e nem sequer, pelos vistos, mesmo só no plano ideológico, aos albaneses; atira-nos à cara, como digna

de afeiçoar-se a uma Pátria espiritual e espiritualizante, uma planificação de materialismo dialéctico que vai do ensino laico aos processos de produção e repartição da riqueza nacional mas que esquece o essencial, seja a liberdade das almas e das vidas, seja o direito de Portugal à sua plena independência e específica individualidade cultural; e que nos ofende colectivamente, aviltando-nos, ao propor o restabelecimento imediato de relações diplomáticas com todos os países que são membros da ONU, sem exceptuar a União Indiana chefiada por esse inefável e farisaico lacrau, o Pandita Nehru, que, com a colaboração da nossa Anti-Nação, nos ameaça conquistar Goa pela força das armas — e também a União Soviética mais os seus satélites e lacaios neutralistas que há longos anos vêm bolsando sobre Portugal infames e infundamentadas difamações! Não é possível assim, depois da franca exposição do seu ideário anti-português, qualquer diálogo com eles! Seria da nossa parte uma perfeita indignidade!

Os seus motes — *amnistia para os conde-*

nados pelos Tribunais Plenários e *abaixo Salazar* — anunciam claramente o plano comunista e anti-ocidental de invasão e ocupação do nosso país que deliberadamente servem. Quem fala pela sua voz é o chamado Partido Comunista português que precisa cá fora, em liberdade, de todos os seus dirigentes e funcionários para levar a cabo as manobras subversivas e actos de terrorismo, já planeados em Moscovo, Varsóvia e Praga. Quem pretende apear Salazar da Chefia do Governo em benefício da Revolução Mundial são Kruschev e Nehru, Tito e Roberto Holden, os racistas negros da nova África jurídica e todos quantos juraram a aniquilação da nossa Pátria para, assim, poderem mundializar o comunismo. Mas Salazar não cai nem cairá senão quando Deus — o Deus de Ourique! — o determinar, Deus que nós adoramos como primeira certeza das nossas consciências e que, como prova de Amor, Se dignou enviar a esta Geração do Resgate, em nossos dias, como Embaixatriz do Céu, cheia de Luz e Milagre, Sua Santíssima Mãe, a Virgem

Imaculada, nossa Padroeira desde Dom Afonso Henriques.

Inúteis assim quaisquer uivos de hiena ou de chacal contra o nosso Presidente do Conselho. Ele vive a Pátria e alimenta-a do seu próprio sangue — consubstanciando em génio a nossa vontade inflexível de sobrevivência, a decisão indomável de todos nós de continuarmos Portugal, uno e independente, até ao fim dos séculos. A sua tenacidade mantém-se invencível, dado que a ONU não dispõe de força moral nem jurídica, mesmo querendo violar a sua *Carta*, para nos impor, dentro das nossas fronteiras, outra lei que não seja a castiçamente portuguesa — lei que voltou a ser a de Nun'Álvares e a de Albuquerque, tal como o demonstram anònimamente todos os dias, em Angola, os nossos gloriosos Exércitos de Terra, Mar e Ar. Que ninguém duvide da vitória final nem se assuste com os boatos a esmo espalhados pela anti-Nação. Os pânicos agoirentos — que reeditam as plangências agónicas das violas de Alcácer-Quibir — não conseguem perturbar a re-

sistência nacional. Somos um Portugal vivo em corpo e alma, e seria preciso morrer o último de nós para que a Pátria se transformasse num cemitério sem esperança. O *Finis Patriae* não passou de uma balela demagógica e maçónica de Guerra Junqueiro, ao cabo da vida espavorido dos seus próprios dislates. As filosofias de Antero suicidaram-se com o trágico tiro que prostrou o sonetista ímpar e o lúcido inventariante das brumas metafísicas. O remorso de Oliveira Martins e a desilusão de Eça de Queirós continuam a ser testemunho gritante de que tudo morre em Portugal excepto a consciente certeza nacional da sua perenidade histórica e da sua indispensabilidade cultural no Mundo. Daí, o ódio do comunismo a Salazar, porque ele representa como ninguém no Ocidente, neste momento caliginoso em que a nossa Pátria está a encontrar os maiores e mais graves obstáculos à sua rota, a intransigente confiança no Direito e demais valores do Espírito e o mais destemido arreganho contra as arruaças, coléricas mas impotentes, de

povos de recente civilização e história. É Salazar por isso, como mais ninguém o foi tão completamente no decurso dos nossos gigantescos fastos, a própria Pátria em armas e em vigília. Nós estamos com ele até à última gota do nosso sangue, saibam-no, Senhores da O. N. U. e também do Pacto do Atlântico!

Poucos, bem poucos compatriotas nossos, discordam desta nossa ofegante e deslumbrada confiança nas seivas eternas da Portugalidade. Entre as excepções, citarei o Sr. Capitão Varela Gomes e o Sr. Engenheiro Cunha Leal, representantes de duas gerações tão dissemelhantes entre si.

O Sr. Capitão Varela Gomes, oficial do activo que até há pouco tempo trabalhou no Departamento da Defesa Nacional, foi um dos candidatos oposicionistas a Deputados que mais falaram e um dos que mais ferozmente insultaram o Governo e os salazaristas portugueses. Cito o facto com mágoa porque muito me doeu, como português, ter verificado que o Sr. Capitão Varela Gomes gastou inùtilmente num he-

roísmo indigno da sua farda — ou seja, numa verborreia que ao cabo integra vulgaríssimos crimes de injúria e de difamação — o que, com proveito geral, poderia ser despendido, em Angola, em actos de bravura contra os terroristas armados e pagos por quem pretende, à força, amputar-nos de uma tão importante parcela do território nacional. Afirmar que Salazar é «um homem ultrapassado» sem explicar por quê ou por quem, é fácil e barato. Dizer aos ouvintes, como Sua Ex.ª fez em Torres Vedras, que o Governo era réu e juízes os assistentes, constituídos por dezenas de arruaceiros possuídos de ódio e mau humor, é tarefa demagógica de insignificante valor mental e moral. Referir-se, porém, ao Ultramar português para acusar o Regime de ser responsável pela actual conjura internacional contra o domínio português em Goa, Angola, Guiné e Moçambique, é esgrimir contra a verdade e desinteressar-se, como militar e como cidadão, do reconhecimento leal de que o gisado esbulho das nossas províncias de além-

-mar — como o testemunham Dadrá e Nagar-Aveli — ofende a História, o Direito, a Civilização e os próprios ideais do Ocidente, pelo que foi e é urdido contra Portugal e não apenas contra o seu Governo. Isto é tão evidente que merecem o nome de mistificação quaisquer afirmações em contrário. Produzindo-as, o Sr. Capitão Varela Gomes praticou uma feia acção. Nesta luta de vida e de morte entre Portugal e os seus múltiplos inimigos estrangeiros, é cómodo lavar as mãos na água da bacia de Pilatos. Mas é lamentável quando essas mãos são lavadas, não em água, mas no sangue heróico de camaradas que morrem com valentia em Angola para que Portugal continue a viver, íntegro e uno, até ao fim do Mundo!

O senhor Engenheiro Cunha Leal foi um dos políticos mais esclarecidos e inteligentes da chamada Primeira República, esse jazigo de finados que não vejo florido por crisântemos decerto porque os seus ideais, românticos e ingénuos, não aquecem hoje as novas gerações antinacionalistas, mais

fiéis a Marx do que a Robespierre, e mais gratas a Lenine do que à Madame Roland. Tive ensejo nos meus *Cadernos* de saudar com emoção o seu patriotismo nesta hora dolorosa e aguda — tal como o de Lopes de Oliveira e o desse saudoso e inesquecível Ramada Curto, herdeiro legitimário da ironia de Eça de Queirós. Li recentemente *A Gadanha da Morte*, bem como o artigo, de há dias, publicado no *Diário de Lisboa*, e tive mágoa do seu autor. Senti que era o Velho do Restelo que ressuscitava a enxamear pávidos sustos na alma da Nação. Sim, o Velho do Restelo, que os *Os Lusíadas* entrevistaram e escutaram, parecia também de formação liberal e democrática e pregava a mesma abstenção à acção catalizadora e heróica em nome de direitos de cidadania quase semelhantes aos que o Sr. Engenheiro Cunha Leal postula. A empresa da Índia poderia custar o sangue e a fazenda dos que preferem o «não te rales», a repetição mecânica dos dias e dos quefazeres habituais, ao risco criador dos grandes surtos da história. Outrém pode-

ria, afinal, — como agora a Espanha, no pavor profético do Sr. Engenheiro Cunha Leal — vir a aproveitar-se dos vazios e fracturas provocadas pela *gadanha da morte*. Só o *Corvo*, de Edgar Poë, possui neblina mais agoirenta...

Daí o conselho — que todos nós acreditamos de boa fé e animado das melhores intenções — de os Portugueses se reconciliarem sob o signo da Democracia e da futura autodeterminação ultramarina, com partidos políticos em Angola e Moçambique e a concessão de gradual autonomia àqueles dois futuros Brasis. Pensando e advogando isso, aliás com a sua conhecida e brilhante combatividade, o Sr. Engenheiro Cunha Leal é fiel, aliás, a si próprio. Também ele, quando escreveu o *Calígula em Angola*, já então se insurgia, com a mesma injustiça de hoje, contra uma política ultramarina — tal a do grande Norton de Matos — intransigentemente nacionalista e incapaz de qualquer transacção com liberalismos ofensivos dos sagrados direitos da Pátria à sua plenitude territo-

rial e histórica. É pena que o Sr. Engenheiro Cunha Leal — que é uma pessoa tão inteligente! — não se tenha ainda apercebido, em face da terrível e eloquente experiência mundial contemporânea, de como são românticos e frustres os seus ideais de Democracia, incapazes de debelar, nos momentos decisivos, as ameaças e os perigos dos povos e das nações. Pois não é por causa da Democracia e da sua debilidade institucional e política que a França, actualmente, aliás contra a vontade do seu povo e dos seus Exércitos, está em riscos de perder a Argélia em benefício de um lúgubre imperialismo autocrático, o da Soviécia, que tem acumulado êxitos sobre êxitos exactamente por não ser liberal nem democrático, e por contar de antemão com as enfermidades políticas que a Democracia naturalmente gera nos vários países em que se instala? Não há, portanto, que ligar demasiada atenção aos conselhos do Sr. Engenheiro Leal nem às suas infundamentadas prevenções contra a Espanha, nossa gloriosa irmã e émula na História.

Nós não interviemos jamais em quaisquer guerras civis de espanhóis contra espanhóis. Se se alistaram voluntários nossos na Guerra da Espanha — que deu a merecida vitória ao Generalíssimo Franco — e nela lutaram com bravura e muitos heròicamente morreram, foi porque, naquela altura, se discutia em Espanha, não um regime político, mas a comunização do Ocidente. Naquele novo Salado do nosso tempo, nós limitámo-nos a prestar homenagem à liberdade das duas Pátrias peninsulares. Nas mãos de Franco relampejou, então, a nua espada de Cid, o Campeador. Nas almas dos nossos *Viriatos* — de que nos orgulhamos — reacordaram os ímpetos idealistas de Parsifal, padrinho de Nun'Álvares e da sua Ala dos Namorados! Ao fim da gigantesca contenda, Portugal e Espanha passaram a estimar-se como irmãos e sempre a cavalheiresca Espanha tem retribuído a nossa solidariedade nas más horas, com nobreza, desinteresse, lealdade e coragem. Quem, aliás, criou o mito do iberismo — esse grande equívoco de Oliveira Mar-

tins e dos precursores da chamada Primeira República — foram as alfurjas maçónicas e as Internacionais Socialistas. Nós realizámos a Aliança Peninsular na base da diferenciação intangível de duas Pátrias e de duas culturas independentes. Miguel Torga, num dos seus volumes da *Criação do Mundo*, refere-se expressivamente às fronteiras territoriais luso-espanholas, dizendo que elas têm tanta força que até os idiomas mudam, nelas, naturalmente! É insultar a Espanha e a sua reconhecida «hidalguia» aventar que ela se debruça sobre as nossas dificuldades actuais com olhos de cobiça. E isso, além do mais, é antecipadamente duvidar de que, sòzinhos, seremos capazes de vencer a procela que ruge no Mundo contra nós!

Ainda ontem o Senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Franco Nogueira, com um brilho insuperável, uma coragem viril e uma argumentação irrespondível, demonstrou *coram populo*, na O. N. U., *a nossa razão*. Ao ler aquele espantoso e notabilíssimo discurso, digno das grandes

horas da História de Portugal, eu me lembrei outra vez do verso célebre de Edgar Poë: «*A hora mais escura é justamente a que precede o amanhecer*». Sim, aquilo que a Oposição bem intencionada se recusa a ver e são os lumes incandescentes que precedem as albas heróicas, está bem vivo na nossa fé deslumbrada e na nossa fria deliberação de resistir. As primeiras claridades entornaram-se, há dias, das próprias estrelas do General Santos Costa, símbolo da lealdade militar, da coragem política, da fidelidade às ideias de que depende a salvação da Pátria! A nova manhã portuguesa — que devemos a Salazar! — fará despontar o sol de Aljubarrota e de Dio, de Marracuene e de Ormuz! Tenhamos confiança, pois Portugal, como profetizou Fernando Pessoa, é o «rosto» do «Ocidente, futuro do passado»!

II

Vou terminar. Não o farei sem felicitar ardentemente os nossos camaradas de ideal, e em especial a *União Nacional* e os seus candidatos a Deputados, pela virilidade e inteligência com que têm lutado contra a anti-Nação. É pena que o Governo, numa neutralidade que não me parece compatível com a defesa do Bem Comum nem com os sagrados interesses da Pátria, tenha consentido a mesma liberdade e os mesmos direitos às duas forças eleitorais. A Oposição aproveitou as facilidades espantosas para dar razão pública aos nossos inimigos internacionais que, apelidando-nos de colonialistas, com isso pretendem apenas despojar-nos de territórios imensos onde desde há séculos arde a chama da Portugalidade. No entanto, cumpre-nos prestar homenagem carinhosa à conduta política dos Srs.

Ministros de Estado, do Interior, do Exército e das Corporações que, muito embora alheios às actividades eleitorais, se mostraram sempre atentos e corajosamente intransigentes no que tange à defesa da ordem pública e das nossas verdades ideológicas.

Temos, nós os nacionalistas, que esquecer ressentimentos, despeitos e pessoalismos e de voltar a unir, num só elo indestrutível, as mãos corajosas e leais e as almas resolutas e arfantes. Se nos dividirmos, o inimigo penetrará pelas frestas. Não podemos dar-nos ao luxo de mùtuamente nos guerrearmos ou injuriarmos. Se o continuarmos a fazer depois desta terrível prova, durante a qual tivemos ensejo de verificar que a Oposição apareceu estruturada com um pensamento antinacional, cujo perigo será inútil sublinhar, praticaremos uma má acção que, além do mais, é antipatriótica e não é inteligente.

Impõe-se renovar por todas as formas o combate e, para isso, desejamos — tal como o preguei nos meus *Cadernos* — que o Re-

gime endureça e não tenha receio de passar à ofensiva. É preciso, respeitando os homens e as suas vidas, aniquilar os nocivos planos e conjuras da Oposição, hoje nìtidamente um Partido do Estrangeiro, até pela sua fidelidade a ideias antinacionais, como o são a autodeterminação, o ensino laico, o materialismo económico, o combate anticorporativo e o universalismo de raiz maçónica ou marxista. A anti-Nação representa uma assembleia geral de ódios velhos que rugem uma vingança medonha, da dimensão das fúrias dos furacões. Temos de estar unidos para nos defendermos dos seus terríveis golpes, piores que os das catanas dos terroristas em Angola.

Procuremos chamar a nós a juventude através de uma reestruturação adequada da Mocidade Portuguesa que abranja também, além da escolar, a mocidade rural e operária. Criemos Universidades Católicas em Braga, Évora, Luanda e Lourenço Marques, restabeleçamos a velhíssima Faculdade de Teologia de Coimbra e entreguemos algumas cátedras do nosso Ensino Su-

perior a frades sapientíssimos das Ordens monásticas. Os beneditinos, os jesuítas, os franciscanos, os dominicanos, os capuchinhos e os salesianos sempre souberam ser, ao longo da nossa história, mestres de Portugalidade! E nunca traíram!

Por isso eu vos exorto à guerra e daqui saudo os meus valentes camaradas que desassombradamente pregam o bom combate nas colunas do *Diário da Manhã*, do semanário *Agora*, das revistas *Tempo presente* e *Ultramar* e em tantas outras manifestações de espírito nacionalista, corporativo e anti-marxista. Por isso eu daqui saudo os dois maiores Combatentes, cada qual à sua maneira, da heróica cruzada contemporânea por Portugal. Quero referir-me a Salazar, nosso Chefe, nosso Mestre e nosso Guia, e a Sua Ex.ª o Presidente Américo Tomás, nosso venerando e amado Chefe de Estado. Um representa a Terra, a sua força telúrica, o seu senso das realidades e os seus múltiplos cambiantes naturais desde a fidelidade das Primaveras aos Estios, o amor das árvores pelos frutos, o ca-

samento das flores e dos perfumes, até ao cantar das fontes e aos sussurros das levadas, aos horizontes ardentes e às searas multicolores. O Senhor Presidente da República representa o Mar que as Descobertas fizeram português e que ainda hoje nos saúda com respeito, rendido à nossa ciência náutica, à coragem com que vencemos o gigante Adamastor e à tenacidade com que charruamos, com as nossas quilhas, a sua imensidade líquida e salgada. A Terra e o Mar continuam a ser as melhores Escolas da Grei! Por isso a Terra nos ofereceu Salazar e o seu Génio — e o Mar se sagrou em esperança e fé na Digna Farda de Almirante do nosso querido e respeitado Chefe do Estado, símbolo de lealdade, de dignidade, de valentia e de intransigência! Agradeçamos a Deus ter-nos dado, em época tão grave e dificultosa, dois chefes deste altíssimo quilate. Vejamos nisso augúrio certo de que Portugal sobreviverá, uno, íntegro e imune a quaisquer ventos de destruição! As mãos de todos nós estão unidas ao leme da Pátria e só as soltaría-

mos se a Morte fosse mais forte do que a Terra e o Mar unidos à velha alma de Portugal. E não é!

Tenho dito.

Lisboa, 8-XI-961.

ÍNDICE

PÁG.

Dedicatória 5

Portugal está com Salazar... 7

EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — Rua do Salitre, 151-155 — LISBOA

Quem quiser adquirir

OS CADERNOS DE MANUEL ANSELMO

(tomos 1, 3, 4, 5 e 6, dado que o 2.º está completamente esgotado)

e

os

MERIDIANOS CRÍTICOS

(1.ª, 2.ª e 3.ª séries)

DO

MESMO AUTOR

deverá, por simples postal ou telefonema, solicitá-los ao escritório do:

DR. MANUEL ANSELMO

Largo do Mastro, 29-3.º, porta D
Telef. **40141** — LISBOA-2

e remeter-lhe por vale ou cheque as respectivas importâncias:

Preço dos **Cadernos** (sem o tomo 2.º) . . . . **100$00**
(ou **20$00** por cada tomo)
Preço dos **Meridianos** (3 vols.) . . . . . **80$00**

Preço 10$00